



APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

Anderson Breno Santos da Silva,
anderson.breno@aluno.uece.br; Luana Maria Cardoso
Freitas, luana.cardoso@aluno.uece.br; Talia Evangelista
Pereira, talia.evangelista@aluno.uece.br; Ana Luisa
Nunes Diógenes, luisa.diogenes@uece.br

RESUMO

Esta produção partiu de reflexões voltadas sobre a construção do sistema da escrita alfabética. Seu objetivo é analisar e compreender a produção escrita espontânea de crianças em processo de alfabetização. Os autores que fundamentam este trabalho são: Ferreiro e Teberosky (1999); Frade (2005); Santo e Júnior (2020) e Soares (2020). Concluímos que há processos muito singulares por trás da escrita espontânea das crianças e o quão é importante reconhecer e entender cada um deles.

Palavras-chave: Sistema de Escrita Alfabética; Processos de construção da escrita; Alfabetização.

1. INTRODUÇÃO

Torna-se necessário relatar que a criança se apropria da escrita a partir de práticas letradas no meio familiar até o escolar. Sendo este apenas um lugar em que ela irá desenvolvê-la, pois existem os professores alfabetizadores que mediarão seu aprendizado. Pode-se compreender que o processo de alfabetização das crianças no decorrer do tempo ultrapassa fronteiras, quando elas não somente adquirem aprendizado em sala de aula e sim durante toda sua trajetória de vida, partindo da vida em sociedade, até a sala de aula. Cabe destacar que,

“Quando se analisa a literatura sobre a aprendizagem da língua escrita, encontramos basicamente, dois tipos de trabalhos; os dedicados a difundir tal ou qual metodologia como sendo a solução para todos os problemas, e os trabalhos dedicados a estabelecer a lista das capacidades ou das aptidões necessárias envolvidas nessa aprendizagem”. (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999, p.28).

No contexto apontado pelas autoras, vale ressaltar como é importante a formação de um professor alfabetizador, destacando-se seu papel como mediador da aprendizagem das crianças. Com foco nesses aspectos, este trabalho tem como



objetivo analisar e compreender a produção escrita espontânea de crianças em processo de alfabetização.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista as leituras praticadas durante as aulas da disciplina de Educação Infantil, nos foram apresentados autores os quais nos influenciaram a pesquisar sobre o respectivo tema. Diante disso, compreendemos que:

“[...] o domínio do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) pelo sujeito em fase de alfabetização implica compreender a natureza e o funcionamento desse sistema, consolidar o domínio das relações convencionais entre fonema-grafema (sons e letras), além da norma ortográfica, por meio de um processo paulatino, que envolve ações interventivo-mediadoras bastante específicas por parte do docente alfabetizador [...]” (SANTO; JÚNIOR, 2020, p. 290 – 291).

Deste modo, a alfabetização da criança se dá através de um trabalho conjunto e contínuo, necessitando que haja incentivo fora da escola, que a família opte a ser parceira do ambiente escolar. A alfabetização envolve diversos processos que resultam na aquisição do código alfabético e ortográfico, porém, antes disso, a criança passa pela construção de níveis progressivos de compreensão do SEA. Eles se organizam a partir das hipóteses pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética.

As crianças antes mesmo de estarem em um ambiente escolar produzem escritas primitivas que chamamos de rabiscos. Compreendemos que é importante a estimulação da produção espontânea da escrita infantil. Nesse contexto, é necessário apresentar o mundo letrado para que possa entender a função da escrita, mesmo que não saiba grafar corretamente. Assim, “A medida, porém, que vivenciam o uso da escrita em seu contexto familiar, cultural e escolar, as crianças vão percebendo que escrita não é desenho, são traços, riscos, linhas sinuosas [...]” (SOARES, 2020, p.61).

Na escola, segundo Frade,

“[...] O professor alfabetizador precisa entender os métodos clássicos de alfabetização, precisa ainda tomar decisões relativas a diversas ordens e fatores. Seu trabalho implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, a pesquisa



sobre práticas culturais de escrita na família e na comunidade, à definição de capacidades a serem atingidas, a escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino.” (FRADE, 2005, p. 16).

O professor alfabetizador é quem faz o elo entre o conhecimento, que busca programar ações pedagógicas que vai muito além de ensinar a ler e escrever. O educador é um agente transformador que a partir das suas práticas de ensino atenda às diferenças de aprendizado dos estudantes. Entretanto, é necessário que ele compreenda a forma de apropriação da escrita pela criança, suas ideias originais e, a partir disso, traçar estratégias de ensino.

3. METODOLOGIA

Este resumo expandido é fruto da aplicação de um teste com crianças do ensino infantil, com idades de 4 a 6 anos, buscando analisar os seus níveis de escrita. A aplicação desses testes foi realizada no município de Itapipoca-Ceará, e aplicados por Anderson Breno, Luana Maria e Talia Evangelista. Esse estudo foi iniciado no mês de maio e finalizado no mês de junho, no ano de 2022, na disciplina “Alfabetização de crianças” do Curso de Licenciatura em Pedagogia da FACEDI – UECE.

Foi aplicado o teste das quatro palavras e uma frase com duas crianças, utilizando-se da mesma estrutura e palavras, no qual foi elaborado por nós mesmos. Seguindo o roteiro disponibilizado pela professora, as palavras deveriam seguir a seguinte ordem: polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba, finalizando com uma frase. As palavras e a frase escolhidas pelos aplicadores foram cachoeira, árvore, lago e ar, já a frase foi “A cachoeira é bela”. Foram disponibilizadas às crianças folhas sem pauta, lápis e borracha e as palavras e frase foram ditadas. Posteriormente, foi pedido às crianças que lessem passando o dedo embaixo de cada uma delas.

4. RESULTADOS

Buscamos, apresentar os resultados dos testes que foram aplicados, com o intuito de analisar a fase de desenvolvimento da língua escrita, a partir dos níveis de cada uma



das crianças. Inicialmente foi aplicado o teste com Maria Isabela, atualmente com quatro anos e que estuda no infantil IV. Ao aplicar o teste, ela optou primeiramente por desenhar. Em seguida, pedimos para que escrevesse seu nome, e então, ela utilizou rabiscos e traços primitivos para representar. Logo mais, ditamos as palavras na ordem decrescente de número de sílabas. Para cada uma das palavras ela utilizou círculos, finalizamos o teste com a frase “A cachoeira é bela”, no qual, ela utilizou três círculos.

O segundo teste foi com Ameliza Vitória, de seis anos e dois meses, e que está no primeiro ano do Ensino Fundamental. Ela iniciou escrevendo seu nome completo sem espaços entre as palavras, porém escreveu corretamente da esquerda para a direita. Finalizando seu nome ela fez um traço abaixo do seu nome para representar a linha do caderno. Ao citar que seriam quatro palavras, ela mesmo enumerou de 1 a 4 em uma coluna à esquerda da página. Na primeira palavra “cachoeira” ela escreveu “cagoera”, substituiu o “CH” por “G”, provavelmente por achar o som similar. Aparentemente não conseguiu identificar o som da vogal “I” na palavra, mas utilizou a quantidade de letras para cada sílaba. Na segunda palavra “árvore” ela escreveu “avore”, não grafando o som da letra “R”. Na terceira palavra “lago” ela escreveu corretamente, enfatizando que a palavra era muito fácil. Para a quarta palavra, “ar”, ela escreveu “ara”, acrescentando a letra A no final da palavra, talvez numa tentativa de garantir a escrita de sílaba canônica. Ao ouvir a frase “A cachoeira é bela”, enfatizou que seria muito fácil, e escreveu “acagoeraebela”, recorreu à sua escrita inicial de “cachoeira” e novamente não obedeceu ao espaçamento. Observamos que usou letras cursivas para esta fase do teste, mas grafou seu nome em caixa alta. Ao finalizar o teste pediu para desenhar.

Analisando os testes em ordem, observamos que Maria Isabela seria do nível pré-silábico, por entendermos que ela ainda vê o desenho como uma escrita, utilizando círculos e rabiscos para representar. Já Ameliza Vitória, enquadra-se no seu nível em alfabético, por ela conseguir escrever algumas palavras com domínio próprio, compreende que a escrita representa os sons da fala, com escrita inteligível, por mais que ela troque uma letra.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no conjunto de reflexões desenvolvidas a partir das escritas espontâneas das crianças, concluímos que há processos muito singulares por trás de cada uma delas e o quanto é importante reconhecer e entender cada um deles. Ao aplicar o teste, tivemos a oportunidade de absorver diversos aprendizados, pois através dele percebemos diversos fatores, a maneira como as elas interagem com a escrita, com as letras, muito interessante o modo que cada uma tinha de raciocinar, cada uma com seu pensamento específico e com sua personalidade. Observar a capacidade de memória que elas possuíam, entender que cada uma delas passa por um processo de aquisição, cada um com suas particularidades, até se chegar em uma escrita totalmente alfabética, foi uma experiência bastante enriquecedora.

6. REFERÊNCIAS

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Polêmicas em Torno dos Métodos, Metodologias e Didáticas de Alfabetização.** In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e Didáticas de Alfabetização: História, Características e Modos de Fazer Professores. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005, cap. 1, p. 13 - 20.

SANTO, Edeli Reis do Espírito. JÚNIOR, Osvaldo Barreto Oliveira. **Sistema de escrita alfabética:** Problematicando um sistema conceitual. São Luís: Revista Educação e Emancipação, v. 13, n. 1, p. 290 - 300, jan/abr.2020.

SOARES. Magda. **A entrada da criança na cultura da escrita.** In: SOARES, Magda. Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: contexto, 2020, p. 41 - 61.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da escrita.** Métodos tradicionais de ensino da leitura. Porto Alegre; Artmed, 1999, p.21